

Esquadrinhando Sebos - Uma incursão pelos alfarrábios de Belo Horizonte

Márcia Cristina Delgado - Mestranda, FaE / UFMG (Belo Horizonte - MG)

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que se propôs a investigar uma das instâncias de circulação dos livros na cidade de Belo Horizonte: *os sebos*. Foram contemplados sete sebos como campo de investigação, onde a partir do trabalho de campo, entrevistas com os alfarrabistas, e coleta de uma série de registros, buscou-se o delineamento cartográfico de um universo ainda muito desconhecido dos historiadores do livro e da leitura, constituído de livros usados, edições raras, bibliotecas desovadas, livreiros, ratos de sebos, colecionadores, bibliófilos, trapeiros, viúvas, e ácaros.

1. OS MEDIADORES CULTURAIS DA LEITURA

*“Precisamos saber mais sobre o mundo por trás dos livros.”
(Robert Darnton)*

Que mundo se esconde por detrás de um livro? Bourdieu (1989), enfatiza enquanto a necessidade de uma história dos objetos que se tornaram corriqueiros em nosso cotidiano, tão comuns e evidentes que não mais despertam a atenção de ninguém.

Ao citar como exemplo: “a estrutura de um tribunal, o espaço de um museu, o acidente de trabalho, a cabine de um voto, o quadro de dupla entrada ou, muito simplesmente, o escrito ou o registro”, o autor argumenta sobre a importância de uma história social movida pelo interesse da compreensão de objetos culturais em sua historicidade e constituição, já que cada um desses objetos guarda em si construções culturais determinadas segundo um momento, um tempo, uma história.

Pensem na indagação inicial deste tópico ... e imaginemos uma fictícia viagem de um leitor contemporâneo dentro de uma livraria, assíduo frequentador deste

espaço. Os livros estão expostos à venda, em prateleiras, ordenados por assunto. Ele chega até eles. Primeiramente os vê, lê suas lombadas. Identifica-os. Decifra-os. Seu olhar passa despercebido por alguns. Noutros ele pára, toca, folheia, lê, compra. Findo o ritual que se realiza na aquisição do livro, nosso leitor sai e prossegue em seu trajeto numa prática que já se tornou parte de seu cotidiano.

Será que ele imagina que aqueles livros que lhe aparecem como um produto final em forma retangular, numa “reunião de folhas presas por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida”, escondem por trás de si um modo de produção que lhes dá sentido e forma?

Será que esse leitor inscrito num tempo em que o livro é também objeto de produção e de consumo de massa se indaga acerca dos caminhos percorridos por aqueles livros organizados nas prateleiras?

Mas qual o sentido dessas indagações?

O propósito é o de compreender um dos processos de circulação do livro, que enquanto objeto cultural, carrega uma história, um percurso de construção. O livro que aparece feito um “produto pronto e acabado” numa prateleira dentro de uma livraria ou atrás de uma vitrine no supermercado traz dentro de si um conteúdo: um texto que foi escrito por alguém, um autor e que chegou até um editor, que foi para um impressor, e de lá para um distribuidor, até um vendedor, no caso, o livreiro, e pelo menos este primeiro circuito se fecha quando o texto chega até o leitor.

Qual a importância cultural destes mediadores? Como compreendê-los enquanto objeto de uma investigação? Como situá-los naquilo que Chartier chama de “a longa história do livro, da leitura, e de suas relações com o escrito?”(1994:96)

Há uma ordem que dá sentido a este processo. Ordem a ser decifrada. Ordem a ser compreendida. Ordem a ser reconstruída, pois:

“O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. Mesmo limitada pelas competências e convenções, essa liberdade sabe como se desviar e reformular as significações que a reduziram. Essa dialética entre imposição e a apropriação, entre os limites transgredidos e as liberdades refreadas não é a mesma em toda a parte, sempre e para todos. Reconhecer as suas modalidades diversas e variações múltiplas é o objeto primeiro de um projeto de leitura empenhado em capturar, nas suas diferenças, as identidades entre os leitores e sua arte de ler.” (CHARTIER: 1994,08)

Uma compreensão acerca desses agentes chamados “os mediadores culturais da leitura” pode contribuir para os estudos que hoje se realizam em torno de uma história social das práticas de leitura.

Dentro de uma perspectiva sócio-histórica, tais estudos seguem muitas direções. Citamos as de meu interesse. São as pesquisas de Chartier¹, que ao operar com as categorias de “representação”, “prática”, e “apropriação”² propõe uma história das práticas de leitura que se preocupa com os usos históricos do livro e das várias formas particulares de circulação do impresso e de seu uso.

E de Darnton que preocupado com uma história dos livros dentro de um projeto interdisciplinar de história social da leitura, diante da gama de atividades humanas que os livros movimentam, realiza pesquisas que buscam entender qual o papel exercido pelos editores, livreiros, e outros intermediários no processo por ele

¹Roger Chartier é considerado um dos expoentes máximos da história cultural francesa atual. Dele citamos: - Textos, impressos, leituras. In **A História Cultural entre práticas e representações**: Difel: 1990.p.121 -39; - Livres bleus et lectures populaires. In **Histoire de l'édition française**. Paris: Fayard; Cercle de la Libraire. vol 2, p 657-673; - **The Cultural Uses of Print in Early Modern France**. Princeton: Princeton University Press, 1987c ; - **A Ordem dos Livros:leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII**.Brasília: Unb, 1994

² Para uma elucidação detalhada de tais conceitos ver o capítulo “Por uma sociologia histórica das Práticas Culturais.”in **A História Cultural entre Práticas e Representações**.Rio de Janeiro: Difel, 1990.p13-28

denominado de “comunicação cultural”, uma variante de pesquisa pouco comum dentro do campo de estudos da História do Livro.

Ao pesquisar os arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel* (STN), uma das mais importantes editoras francesas do século XVIII, Darnton descobriu preciosas informações sobre vários aspectos da história dos livros, desde como os autores daquele período eram tratados por seus editores até o processamento das cópias, a impressão dos tipos e caracteres, a correspondência de livreiros e editores, o transporte dos livros e a remessa das encomendas.

A partir dessas inquirições o autor trilhou por territórios inexplorados que lhe permitiram reconstruir alguns aspectos do mundo livresco francês do século XVIII. De um lado, através das pesquisas realizadas acerca da trajetória de produção e difusão da Enciclopédia³, por ele reconstituída a partir de correspondências comerciais, livros contábeis, memorandos secretos de administradores, diários de caixeiros-viajantes, reclamações de clientes e relatórios de espões industriais, e por outro lado, através do mapeamento acerca do mundo clandestino de livros do século XVIII e seus protagonistas, isto é, os editores, impressores, atravessadores, vendedores ambulantes, e livreiros.⁴

Esses estudos possibilitam conhecer um universo ainda muito desconhecido pelos historiadores do livro e da leitura, cuja relevância ganha sentido se conseguirmos captar os processos sociais, históricos e culturais nos quais os diferentes “modos de produção do livro” se organizam, em que seus integrantes, mais do que meros mediadores, constituem-se como co-autores.

³ A *Encicliopédia*, de Denis Diderot, composta por dezessete volumes foi um best-seller que vendeu 25 mil exemplares da edição completa e que, como proclamavam seus editores foi o mais extraordinário empreendimento editorial do século XVIII.

⁴ Conferir os seguintes trabalhos de Darnton: - **O Iluminismo como negócio: História da publicação da Enciclopédia, 1775 - 1800.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996 e **Edição e Sedição; O Universo da Literatura Clandestina no século XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992

Dentro dessa malha cultural tecida entre os diferentes mediadores da leitura, é de nosso interesse investigar os livreiros, em particular, aqueles que são proprietários de sebos na cidade de Belo Horizonte, identificando e analisando os diferentes fatores presentes na consolidação de suas práticas de leitura, e como estas se articulam e interferem nos processos de circulação dos livros nos sebos.

2. RASTREANDO OS SEBOS - EM BUSCA DE UMA HISTÓRIA DESSES ESPAÇOS CULTURAIS EM BELO HORIZONTE

Mais do que uma “livraria” onde se compra, troca e vende livros usados, edições raras e esgotadas, o sebo é um mercado, onde se encontram inúmeros livros de todos os tipos e gêneros que se possa imaginar, um depositário empoeirado de acervos pessoais já extintos que ali encontram um lugar, ainda que transitório e arbitrário, à espera dos peregrinos do livro, desde os leitores mais desavisados até os colecionadores e bibliófilos em busca de edições raras e preciosas:

“A inenarrável promiscuidade dos sebos! Dante em contubérnio com o relatório do ministro da Fazenda, os eleatas junto do almanaque de palavras cruzadas, Tolstói e Cornélio Pires. Mandrake e Sórora Juana Inês de la Cruz...Nenhum deles reclama. A paz é absoluta. O sebo é a verdadeira democracia, para não dizer: uma igreja de todos os santos, inclusive os demônios, confraternizados e humildes. Saio dele com um pacote de novidades velhas, e a sensação de que visitei, não um cemitério de papel, mas o território livre do espírito, contra o qual não prevalecerá nenhuma forma de opressão.”⁵

Etimologicamente, sebo vem do latim *sebu*,

“Segregação gordurosa das glândulas sebáceas. Substância gorda, extraída das vísceras abdominais dos animais ruminantes e com o qual se fabricam velas.”(LELLO & LELLO)

MAGALHÃES JUNIOR(1974) designa não o local, mas o vendedor:

^{5 5} ANDRADE, Carlos Drummond de. O Sebo. In: **Roteiro dos Sebos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria João do Rio Ltda/ Sinttel.1996.p.08.

“caga-sebo era no século passado,o nome que se dava aos vendedores de livros usados. As livrarias em que são vendidos volumes de segunda mão são ainda, hoje, chamadas sebo, mas os vendedores passaram a ser sebistas(...)”

BASTOS(1928) define sebo como “*Casa de alfarrabista*”, e LELLO & LELLO(s/d) define “caga - sebo” e “sebo” respectivamente como “*alfarrabista, revendedor de livros*”, e “*casa de alfarrabista*”.

Para o livreiro Amadeu Cocco Rossi⁶ o nome sebo vem do tempo em que não havia ainda energia elétrica e as pessoas liam à luz de velas amarelentas, sujando e engordurando os livros. Daí veio o termo ensebado, sebento.

Já para Alexandre Obelins, livreiro paulista , “sebo” é um apelido que foi dado pelos cariocas no século passado:

“Foi no Rio de Janeiro que surgiram as primeiras casas de comercialização de livros de segunda mão. Era uma novidade no País e quando eles pegavam os exemplares, diziam que estavam ensebados.”⁷

Em Belo Horizonte, uma história desses espaços culturais ainda está por ser escrita. Um dos sebos mais antigos da cidade ainda em atividade é a *Livraria Amadeu Ltda*, fundada em 1948. Seu proprietário, o livreiro Amadeu Cocco Rossi, nascido no distrito de Passagem de Mariana em 1916, chegou à capital mineira no ano de 1931, onde conseguiu o primeiro emprego como balconista na “Livraria Moraes”:

“Ganhava 60 mil réis por mês e tinha que reforçar o orçamento com mais 30 mil réis que recebia trabalhando de 8h à meia-noite em uma leiteria no centro da cidade. Trabalhou 16 anos em cinco livrarias diferentes. Sua intimidade com os livros já lhe trazia respeito no ramo e com os clientes - professores, políticos e gente simples(...)

⁶ **Jornal Correio de Minas**, 12 de janeiro de 1988

⁷ QUEIROZ, Regina. O fascínio dos livros de segunda mão. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, outubro de 1995. apud. BRITO. José Jorge Leite. **Guia dos Sebos do Brasil**. Brasília, 1991.p.11

No início de 1948, continuou trabalhando na Livraria Cultura Brasileira, onde negociou seus primeiros livros usados, juntou mais dinheiro e montou a livraria Amadeu, na Rua Tamoios, 238, próximo à Igreja São José. Nos 63 anos de balcão, comprando e vendendo livros usados, o velho Amadeu passou por dois períodos de crise política: a era Vargas e a ditadura militar implantada em 64. Segundo ele, o único caso de censura ocorreu em 1937, quando trabalhava na Livraria Alemã. Dois agentes do Dops recolheram cinco exemplares do livro 'Minha Luta', de Adolf Hitler.”(JORNAL HOJE EM DIA, 9/11/95)

E hoje, passados quarenta e oito anos, desde a fundação do primeiro estabelecimento, o “Seu Amadeu” conta com três lojas na cidade.

Tendo em vista a inexistência de uma história dos sebos de Belo Horizonte e, considerando-os como espaços mediadores de práticas culturais de leitura ainda não investigados, a intenção deste projeto é a de (re) construir essa história tomando como eixo central a figura do livreiro em seu percurso profissional. Considerando essa perspectiva, na qual a prática se constitui num processo de construção permanente, uma série de questões se apresenta: Quais as razões/ motivações que levaram os livreiros a criarem seus sebos?

Quais as estratégias que utilizaram para a sua criação? De que forma as experiências que vivenciaram enquanto leitores ao longo de suas trajetórias profissionais influenciaram / influenciam na opção por esta atividade profissional? Como tais experiências e o contato diário com livros determinam suas práticas enquanto sujeitos leitores e enquanto possíveis mediadores de leitura?

Nossa hipótese de trabalho é a de que as disposições pessoais, a fase de atividade profissional em que os livreiros se encontram, a formação inicial (e atual) de leitor, a interação com o objeto livro e as condições físicas e de acervo presentes nos sebos são elementos que têm importância na configuração das práticas desses livreiros enquanto mediadores de leitura e, conseqüentemente, podem contribuir para uma dada reconstrução histórica desses espaços.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, J. T.da Silva. **Dicionário Etymológico, Prosódico e Orthográfico da Língua Portuguesa.**Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Editora. 1928

BOURDIEU, Pierre .**O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Difel, 1989

BRITO, José Jorge Leite de.**Guia dos Sebos do Brasil.** Brasília:Distrito Federal, 1991

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. 244p. (Col. Memória e Sociedade).

CHARTIER, Roger (org). **Práticas de Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade. 1996

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Trad. Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994

DARNTON , Robert. **Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII.** Trad. Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

DARNTON, Robert. **Boêmia Literária e Revolução: O Submundo das Letras no Antigo Regime.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 330p.

DARNTON, Robert.**O Iluminismo como negócio: História da publicação da Enciclopédia, 1775 - 1800.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri Jean. **O Aparecimento do Livro.** São Paulo : Unesp; Hucitec, 1992.

Roteiro dos Sebos do Rio de Janeiro.Rio de Janeiro: Livraria João do Rio Ltda/Sinttel.1996

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil** - sua história - tradução Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira - São Paulo: T.A. Queiróz: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LELLO, José & LELLO, Edgar. **Lello Universal.**Porto.s/d

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo .**Dicionário de Provérbios e Curiosidades.**São Paulo: Cultrix. 1974

PAIXÃO, Fernando. **Momentos do Livro no Brasil** .São Paulo: Editora Ática, 1996

JORNAL CORREIO DE MINAS. Belo Horizonte, 12/01/88

JORNAL HOJE EM DIA, Belo Horizonte, 11/03/95

JORNAL ESTADO DE MINAS.Belo Horizonte, 11/03/87